

**Luísa Adler**

**(Mestranda em Estudos Anglo-Americanos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto)**

**Citação:** Luísa Adler, "The Road, de Cormac McCarthy: viagem ao contrário num mundo às avessas", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 7 (2007). ISSN 1645-958X.

<<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>>

## 1 – A VIAGEM AO CONTRÁRIO

Em *The Road*, de Cormac McCarthy, as personagens fazem uma viagem através da América. Não sabemos em que ano é feita essa travessia, mas supomos que seja num futuro próximo. Sabemos apenas que estamos nos Estados Unidos da América, e acompanhamos pai e filho numa caminhada rumo ao Sul.

A história dos Estados Unidos da América é uma história de viagem, uma viagem de Este para Oeste, uma viagem atrás de um sonho, em busca do Jardim do Éden, do Eldorado, de uma vida melhor. Desde o estabelecimento das primeiras colónias que se assiste a uma migração constante em direcção ao Oeste. Os colonos, de várias origens e religiões, de diferentes classes sociais e com diversas profissões, iam em busca de um futuro mais risonho, em fuga de um passado muitas vezes violento, tentando viver um presente renovado. O movimento progressivo de Este para Oeste começou com a ideia de mudança e inovação e com um certo espírito de rebelião contra o cinismo, a tacanhez e *status quo* puritano instalado no Este. Os colonos tinham à sua frente um continente virgem, horizontes ilimitados e uma vastidão selvagem por explorar que lhes abria perspectivas de paz, liberdade, prosperidade e progresso.<sup>i</sup>

À medida que penetrava na *wilderness* e estabelecia novas fronteiras, o novo homem ia-se adaptando, renovando e esquecendo as tradições e as convenções do velho mundo. O novo homem agia de acordo com novos princípios, novas ideias, novas opiniões. Os pioneiros foram talhados e transformados pelos constantes confrontos com a natureza. O homem do Oeste era valorizado não pelo "berço", não pelo dinheiro herdado, não pela instrução, mas sim por aquilo que era ou poderia fazer. A coragem, a energia, a força bruta e o engenho eram indispensáveis ao pioneiro.

Este movimento migratório, o impulso de mobilidade, de se ser capaz de se deslocar de um lado para o outro, de se partir em direcção a um lugar desconhecido, em direcção a um espaço "vazio", moldou o carácter americano, encorajou a iniciativa individual, embruteceu os comportamentos e criou um espírito determinado e empreendedor. Horace Greely afirmava em 1850: "Go west, young man, and grow up with the country."<sup>ii</sup> Pai e filho rumam a Este e também a Sul.

O Sul era uma região tradicionalmente rural, mais retrógrada, menos desenvolvida, menos industrializada de que o Norte. O Sul profundo era primitivo; as grandes plantações de algodão, tabaco e açúcar pertenciam a uma elite de "senhores feudais"; a mão-de-obra escrava era um factor essencial ao desenvolvimento da região.

A dicotomia entre o Norte tecnológico e democrático e o Sul rural e escravagista resultou numa guerra fratricida que devastou o país em 1861. A superioridade industrial, a facilidade de fabricar armas e munições, a rapidez na distribuição de abastecimentos através de estradas, canais e vias-férreas e o bloqueio marítimo contribuíram para o sucesso do Norte.

Em *The Road*, McCarthy inverte o sentido da viagem, e ao inverter o movimento espacial do género tradicional, promove a subversão da ideia de lugar. As personagens de *The Road* vão para Este mas também para o Sul. O Sul é um território inexplorado na mente americana, enquanto o Oeste está ligado à violência, ao terror, ao mal. O Sul está ligado à hospitalidade, à benevolência, a uma forma de vida mais descontraída e mais tranquila.<sup>iii</sup>

É preciso ter estes pressupostos em consideração para se perceber a viagem que serve de pano de fundo a de *The Road*; é preciso reconhecer o papel central da geografia no imaginário americano; é preciso reconhecer o Sul como um refúgio, como o regresso ao Éden, como um espaço central na história do país.

A viagem decorre entre dois espaços extremos, um utópico e outro distópico, entre o bom lugar e o mau lugar, entre o lugar e o não-lugar, um lugar vazio de pessoas reais, um lugar onde tudo pode acontecer, o lugar do caos na *wilderness*.

## 2 – O MUNDO DEVASTADO

Pai e filho caminham pela estrada fora através de uma América devastada por um holocausto: “Nights dark beyond darkness and the days more gray each one than what had gone before. Like the onset of some cold glaucoma dimming away the world” (1).<sup>iv</sup>

Os relógios pararam à 1:17. Houve uma série de explosões (54). O continente foi consumido pelo fogo, o inverno nuclear cobre a superfície da terra (“Barren, silent, godless” [2]); o sol e a lua estão obscurecidos por cinzas (32); os dias são frios e as noites gélidas; os animais e as plantas estão mortos; as florestas reduzidas a pó; os rios parecem ter parado de correr (4) e os oceanos perderam a vida (18).

As cidades estão vazias, (“No sign of life” [11]), as casas em ruínas, os campos abandonados: (“Nothing moved [190]. There was nothing” [8]). No asfalto, encontram-se enterrados cadáveres mumificados (203), e, pelos campos, estão restos humanos espalhados (94).

A estrada está vazia. Não há ninguém neste mundo devastado a não ser bandos de ladrões e assassinos que andam à caça dos sobreviventes mais fracos e vulneráveis (4, 15). Estas “bestas” humanas são movidas por instintos de sobrevivência: caçam, matam e comem a única comida fresca disponível: carne humana. São gangues sanguinários, predadores impiedosos, canibais esfomeados que aprisionam pessoas em caves como se aprovisionam mantimentos para o inverno:

In the floor of this room was a door or hatch and it was locked with a large padlock ( ...) He started down the rough wooden steps ( ...) Huddled against the back wall were naked people, male and female, all trying to hide, shielding their faces with their hands. On the mattress lay a man with his legs gone to the hip and the stumps of them blackened and burnt. The smell was hideous (114-116).

A desintegração do mundo levou à desintegração moral, os sobreviventes perderam a sua dignidade humana, tornaram-se animais.

Em *The Road*, McCarthy traça o retrato da loucura e da desumanização a que o homem pode chegar se não houver lei e ética que o regulem. O mundo civilizado, tal como o conhecemos, colapsou. Voltamos aos primórdios da nossa era: impera a lei do mais forte, a lei de uma selva que agora se encontra carbonizada.

Neste inferno dantesco, as personagens femininas são meros figurantes e aparecem esporadicamente. As mulheres são membros de gangues, assumindo o seu papel tradicional de reprodutoras (207-8). Mas pior do que isso, são também vistas pelos homens como comida ou veículos para obtenção de comida (96). No romance, as mulheres são comparadas a vacas, destinadas à procriação e encaradas como fonte de alimento.

Na clareira o rapaz, cujo nome não é nunca nomeado<sup>v</sup>, tem esta visão tenebrosa:

They walked into the little clearing ( ...) They'd taken everything with them except whatever black was skewered over the coals. ( ...) The boy turned and buried his face against him ( ...) What is it? He said. What is it? The boy shook his head ( ...) What the boy had seen was a charred human infant headless and gutted and blackening on the spit (211-12).

O odor a vacas num celeiro faz o pai reflectir sobre a inutilidade da vida no meio deste sofrimento. Interroga-se se ainda haverá alguma vaca a ser engordada num qualquer estábulo, para chegar a uma conclusão sem resposta: “he realized they were extinct. Was that true? There could be a cow somewhere being fed and cared for. Could there? Fed what? Saved for what?” (127).

## 3 – RUMANDO AO SUL

No meio deste mundo devastado, pai e filho rumam a Sul, visando alcançar o mar. A viagem é difícil, os perigos são muitos: na verdade a fome, a doença, os gangues e o clima não ajudam. São dois peregrinos na estrada, dois vagabundos miseráveis, esfomeados, encharcados e amedrontados, empurrando um velho carrinho de supermercado atulhado com os poucos haveres: algumas latas de comida, alguns cobertores, algumas ferramentas. Caminham pela estrada, pilhando casas vazias e cidades destruídas à procura de alimentos, evitando os bandos de loucos e de canibais famintos. Têm uma pistola, mas só duas balas para se protegerem, pois nada é certo nesta jornada a não ser a morte.

Pai e filho guiam-se por um velho mapa de estradas (4), e à medida que vão progredindo encontram sinais do mundo desaparecido: jornais velhos, uma lata de coca-cola esquecida dentro de uma máquina de bebidas, uma lista telefónica, sinais de trânsito amarelados, *placards* a fazer publicidade a produtos há muito extintos, um comboio abandonado no meio do nada, um camião cisterna cheio de cadáveres (“Human bodies. Sprawled in every attitude. Dried and shrunken in their rotted clothes” [48]). Nesta luta

diária pela sobrevivência, vão encontrando lugares de refúgio, lugares heterotópicos<sup>vi</sup>, lugares que os ajudam a suportar as privações e os salvam literalmente de morrer à fome. É este sem dúvida o caso da quinta onde encontram uma cisterna com água potável e algumas maçãs ressequidas (127), um verdadeiro *bunker* repleto de tudo o que é necessário à sobrevivência:

The bunker (...) Crate upon crate of canned food. Tomatoes, peaches, beans, apricots. Canned hams. Corned beef. Hundreds of gallons of water in ten gallon plastic jerry jugs. Paper towels, toiletpaper, paper plates. Plastic trashbags stuffed with blankets (146).

Do mesmo modo, a casa que pai e filho encontram escondida no meio dos campos funciona como um refúgio provisoriamente seguro. E assim se passa também com o iate que encontram enclachado na praia, o *Pájar de Esperanza*.

O iate é simbólico da busca de um lugar utópico. Um barco em andamento é, como afirma José Eduardo Reis, “um lugar tão utópico como a ilha por descobrir” (Reis, 2004). Mas este iate está enclachado na areia. O sonho é uma realidade impossível.

Todos estes lugares oferecem a pai e filho proteção e refúgio. Além de lhes fornecerem alimento e algumas ferramentas, ajudam-nos a retemperar forças para continuar, são um alento no meio da insanidade, representam uma possibilidade de futuro.<sup>vii</sup>

Nesta narrativa de viagem, pai e filho têm frequentemente de se ocultar dos novos senhores da estrada que vêem qualquer caminhante como uma refeição apetitosa. É o caso do grupo do camião a diesel:

They came shuffling through the ash casting their hooded heads from side to side (...) Stained and filthy. Slouching along with clubs in their hands, lengths of pipe. Coughing. Then he heard on the road behind them what sounded like a diesel truck (63),

ou do exército de sapatilhas:

The marchers appear four abreast. Dressed in clothing of every description, all wearing red scarves at their necks (...) An army in tennis shoes. Carrying three-foot lengths of pipe with leather wrappings (...) They clanked past, marching with a swaying gait like wind-up toys. Bearded, their breath smoking through their masks (...) The phalanx following carried spears or lances tasseled with ribbons (...) Tramping. Behind them came wagons drawn by slaves in harness (...) and after that the women (...) and lastly a supplementary consort of catamites illclothed against the cold and fitted in dogcollars and yoked each to each (95-6).

Qualquer encontro é visto como um potencial sinal de perigo, uma ameaça às suas vidas e haveres. É o que se passa com o membro do gangue do camião a diesel que tenta matar o filho

... was one of their number unbuckling his belt (...) He came forward (...) Like an animal inside a skull looking out the eyeholes (...) He was lean, wiry, rachitic (...) What are you eating? Whatever we can find (...) You wont shoot, he said (...) they'll hear the shot. Yes they will. But you wont. How do you figure that? Because the bullet travels faster than sound (...) He didnt answer (...) He dove and grabbed the boy and rolled and came up holding him against his chest with the knife at his throat. The man (...) leveled the pistol and fired (...) The man fell back instantly and lay with blood bubbling from the hole in his forehead (64-8),

ou com o velho de 90 anos, Ely, que o pai não quer ajudar, pois pensa que lhe armou uma armadilha (172), ou ainda o ladrão na praia que lhes rouba o carrinho e que o pai obriga a despir-se, ficando-lhe com as roupas

... the thief (...) stopped and stood behind the cart holding a butcher knife. When he saw the pistol he stepped back but he didn't drop the knife (...) Don't do this, man. You didn't mind doing it to us (...) I'm going to leave you the way you left us” (273-6).

Mas também o atirador furtivo que alveja o pai na perna com uma seta é prova do perigo desta jornada:

In an upper window of the house he could see a man drawing a bow on them (...) He heard the dull thwang of the bowstring and felt a sharp hot pain in his leg (...) grabbed the flaregun (...) When the man stepped back into the frame of the window to draw the bow again he fired (281-82).

O pai não hesita, mata para não morrer. O seu instinto de preservação, juntamente com o sentido de responsabilidade e o dever moral de tudo fazer para proteger o filho, levam-no a tomar medidas drásticas e a tornar-se um pouco na imagem dos demónios que assolam a estrada.

Neste mundo devastado, pai e filho são como dois animais acossados por caçadores implacáveis

(138), que têm como prioridade a sobrevivência, mesmo que seja devorando outros seres humanos. Neste deserto sem alma, o pai recusa-se a abandonar todas as crenças e tenta instilar alguns valores morais no filho. Eles são os homens bons, não roubam, não matam, nem comem pessoas:

We wouldnt ever eat anybody, would we? No. Of course not. Even if we were starving? We're starving now. You said we weren't. I said we weren't dying. I didn't say we weren't starving. But we wouldn't. No. We wouldnt. No matter what. No. No matter what. Because we're the good guys. Yes. And we're carrying the fire. And we're carrying the fire. Yes. Okay (136).

Pai e filho continuam a calcorrear a estrada, a fazer o melhor que sabem; não têm outra alternativa, pois é isto que fazem os "good guys (...). They keep trying. They dont give up" (145). Eles são os únicos seres cujas barreiras morais não foram arrasadas pelas circunstâncias, que ainda têm uma noção do que é correcto ou incorrecto, do certo ou do errado. Transportam o fogo, a luz, são os guardiões da civilização, portadores de alguma réstia de humanidade:

I want to be with you. You cant. Please. You cant. You have to carry the fire. I don't know how to. Yes you do. Is it real? The fire? Yes it is. Where is it? I dont know where it is. Yes you do. It's inside you. It was always there. I can see it (298).

Há um amor enorme entre pai e filho ("each the other's world entire" [4]), há um desespero sobrehumano por parte do pai para manter a criança viva a qualquer custo. É este amor que os mantém vivos, é a dignidade que os sustenta, é a procura do bem que os norteia: "I wont leave you, he whispered. I wont ever leave you" (120).

Esta é uma caminhada de resistência. O pai nunca desiste, nem perante a iminência da sua própria morte:

Do you remember that little boy, Papa? Yes. I remember him. Do you think that he's all right that little boy? Oh yes. I think he's all right. Do you think he was lost? No. I don't think he was lost. I'm scared that he was lost. I think he's all right. But who will find him if he's lost? Who will find the little boy? Goodness will find the little boy. It always has. It will again (300).

Ao longo desta jornada, o pai é assolado por memórias do passado, memórias que lhe aparecem nos sonhos ou nas histórias que conta ao filho. Os espaços do passado e os espaços da mente são importantes, pois ajudam-no a reflectir sobre o futuro. Os sonhos que tem recorrentemente com a mulher justapõem-se à realidade. Neles, o passado idílico (o pai sonha a cores) contrapõe-se ao presente dantesco, e o mundo verdejante (quase pastoral) surge como o contraponto de um planeta carbonizado, o mundo do aqui e do agora.

Foi neste mundo distópico que a mulher se recusou a viver, e é através dos sonhos que sabemos que se suicidou. A mulher preferiu o nada, ("nothingness" [59]), a viver na escuridão, no silêncio, no terror; preferiu matar-se a ser testemunha do futuro inevitável do filho, sujeito a ser violado, morto e comido por canibais: "sooner or later they will catch us and they will kill us. They will rape me. They'll rape him. They are going to rape us and kill us and eat us and you wont face it. You'd rather wait for it to happen. But I cant. I cant" (58). Para ela, o nada eterno era mais desejável do que o desespero neste inferno. A mãe não consegue enfrentar a possibilidade de uma realidade medonha.

O pai conta histórias ao filho, histórias de um mundo anterior, um mundo desaparecido que o rapaz nunca conheceu, histórias de um passado perdido que nunca poderá ser recuperado. Estas histórias vão-se esbatendo na memória do pai - "The world shrinking down about a raw core of parsible entities (...) In time to wink out forever" (93) - e, para o filho, não são reais; são histórias de um mundo onde não há histórias verdadeiras. O passado não pode ser reabilitado: "There is no past" (55).

#### 4 – PÁJARO DE ESPERANZA

O desafio que o pai enfrenta todos os dias, a capacidade de resistir e não desistir, apesar de não haver sentido no ir e não haver um ponto de chegada, levam a um impulso inexorável de caminhar para sobreviver. Se param, morrem. O romance revela o eterno conflito entre o bem e o mal, as escolhas morais, as fronteiras da humanidade. Mas Cormac McCarthy deixa a narrativa em aberto. A viagem chega ao fim para o pai: ele morre, vítima de doença (tossia sangue) e de um ferimento na perna: "His father was cold and stiff" (300). Apesar disso, o rapaz continua, encontra um homem e pergunta-lhe se ele é dos bons, se transporta o fogo, se tem um filho. Este responde que sim: que é dos bons, que transporta o fogo, e que além de um filho da mesma idade dele, também tem uma filha. A criança encontra uma família (uma família tradicional: pai, mãe, filho e filha) e junta-se-lhe na jornada: "Someone was coming (301) (...) And I can go with you? Yes. You can. Okay then. Okay" (304).

A sobrevivência do filho é uma nota de esperança. Para ele, abre-se a possibilidade de um novo

começo físico, imaginário e espacial em que tudo é possível, em que a esperança resiste e a procura do sonho continua. Apesar de ser um livro negro, esta distopia crítica não é uma narrativa de desespero, é um lamento e um alerta para tudo aquilo que o homem pode destruir e perder, é um testemunho subtil (coberto de cinzas) do que pode acontecer se a ética, a moral, o governo e a humanidade colapsarem.

A história da América é uma história de viagem, é um registo de “chegadas” e “partidas”, de começos e recomeços, de estradas e encruzilhadas, da procura constante do espaço, do lugar derradeiro, da realização do sonho. Apesar de encalhado, o iate *Pájaro de Esperanza* subsiste, lembrando que poderá existir ainda a possibilidade de um dia o Homem voltar a navegar.

## Referências Bibliográficas

“An Outline of American History (1954)”, [www.let.rug.nl/usa/H/1954uk.htm](http://www.let.rug.nl/usa/H/1954uk.htm) (acedido pela última vez a 17 Dezembro 2007).

Foucault, Michel, (1967), “Of other Spaces, Heterotopias”, <http://foucault.info/documents/heterotopia/foucault.heterotopia.en.html> (acedido pela última vez a 8 Dezembro 2007).

Luedtke, Luther (ed.1987), *Making America. The Society and Culture of the United States*, Washington, D.C., United States Information Agency.

McCarthy, Cormac (2007), *The Road*, New York, Picador.

Reis, José Eduardo, (2004), “A Literatura e a Ideia do Mundo Ideal: Relatório de um Programa para a Disciplina de Literatura Comparada”, *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 1, [www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/topia/revista.htm](http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/topia/revista.htm) (acedido pela última vez a 13 Janeiro 2008).

Snyder, Philip (2007), “Hospitality in Cormac McCarthy’s *The Road*”, Brigham Young University.

Walsh, Chris (2007), “The Post-Southern Sense of Place in *The Road*”, University of Tennessee, Knoxville.

---

<sup>i</sup> Luther Luedtke, no seu livro *Making America. The Society and Culture of the United States* (1987), desenvolve as ideias que aqui exponho sobre o tema da História dos EUA como uma História de viagem. Ver especificamente pp. 81-89.

<sup>ii</sup> Cf. “An Outline of American History” (1954).

<sup>iii</sup> Chris Walsh faz uma análise interessante deste assunto no seu artigo “The Post-Southern Sense of Place in *The Road*” (2007).

<sup>iv</sup> Todas as referências feitas a *The Road*, de Cormac McCarthy, reportam-se à edição publicada em 2007 pela Picador (New York).

<sup>v</sup> O facto de as duas personagens principais serem simplesmente referidas como “pai e filho” é importante, na medida em que se tornam paradigmáticas da humanidade.

<sup>vi</sup> Refiro-me ao conceito de “heterotopia” tal como ele é definido por Michel Foucault em “Of other Spaces, Heterotopias” (1967).

<sup>vii</sup> Sobre este tema, ver Philip Snyder “Hospitality in Cormac McCarthy’s *The Road*” (2007).